

## PENSAR EM TEMPOS DE CRISE

Marcos Paulo Santa Rosa Matos\*

1. “Se ora vos parecesse que nom sei mais que linguagem” dizia o Diabo ao Corregedor, no *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente<sup>1</sup>, para demovê-lo de sua pretensão de fugir do batel infernal: contra o império das formas e dos argumentos, o Diabo opõe a crueza e a concretude da realidade – “embarcai, e remaremos!”.

Diversas vezes ao longo da trama vicentina o convite diabólico é o da renúncia dos signos – “Nom cures de mais linguagem” – e o da assunção da viagem, da travessia, do trânsito. Enquanto o Arrais do Inferno passa todo o enredo discutindo com as personagens, o que contrasta com sua exigência de recusa da linguagem, e convidando-as (ou intimando-as) a embarcar e partir, o Arrais do Céu, sério e silencioso, se limita a distribuir bem-aventuranças e repreensões/maldições, permitindo ou não a entrada dos transeuntes, sua barca parece não ter de realizar qualquer travessia: “Pois cant’eu mui fora estou de te levar para lá. Essa outra te levará; vai pera quem te enganou!”. O Anjo vicentino não tem interesse em falar, como *mimese* do caráter enigmático do próprio Deus: o excesso de linguagem pode revelar, e por isso mesmo, destruir, o *mysterion*, a essência do sagrado.

Parecia apropriado problematizar ali o problema da linguagem, embora essa talvez não tenha sido a intenção de Gil Vicente, mas uma construção interpretativa nossa, a partir da interpretação-reconstrução de sentidos, formas e intencionalidades. De todo modo, nada parece mais apropriado para falar em vácuo linguístico do que o vazio antropológico: um porto onde a vida não pode entrar, e por onde as pessoas apenas passam, sem deixar qualquer marca e sem poder aprender qualquer coisa, trata-se de um mero procedimento protocolar, tendo em vista que o destino já está traçado (*maktub!*), e qualquer diálogo ou debate não tem poder algum para mudar a realidade, ou seja, estamos diante de um mero qui-pro-quó, uma intriga inútil. E é sobre essa intriga que se desenvolve e se dissolve todo o enredo vicentino: sobre o nada (é o Nada, porém que dá sentido ao próprio Ser, como nos revelou Sartre<sup>2</sup>).

Ao mesmo tempo, a trama está repleta de signos dos mais ricos e variados, que se estendem da dimensão mítica à crítica social. Parece, assim, que o grau zero da linguagem, como o grau zero da escrita de Roland Barthes<sup>3</sup>, estão para o homem como o zero da escala Kelvin está para a natureza: uma conjectura, uma suposição que não pode ser alcançada porque supõe a ausência de todos meios possíveis de verificação, supõe a redução completa do ser ao não-ser, cuja restituição em ser dependerá de um Demônio de Maxwell, de existência muito duvidosa e improvável. Dito de outro modo: a não-linguagem está fora dos limites da consciência e da existência humana. Por outro lado podemos nos perguntar se não poderíamos converter linguagem em deslinguagem, entendida não como uma anti-

---

\* Vice-Presidente do Diretório Acadêmico de Letras da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, graduando em Letras (Licenciatura) e em Direito (Bacharelado), na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

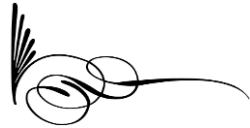
E-mail: mp.srmatos@hotmail.com

<sup>1</sup> Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, c. 1517.

<sup>2</sup> Jean-Paul Sartre, *L'etre et le néant: Essai d'ontologie phénoménologique*, 1943

<sup>3</sup> Roland Barthes, *O grau zero da escritura [Le degré zéro de l'écriture]*, 1953.





linguagem, como oposição por fora (existencial e essencial), mas como esgotamento/inversão da linguagem, uma oposição por dentro (no âmbito do significado e da finalidade), como nos adverte Baudrillard<sup>4</sup> ao representar a contemporaneidade como um cemitério de signos satelitizados, cuja *causa mortis* é a hipertrofia, o câncer generalizado.

Paul Virílio<sup>5</sup> caracteriza a modernidade a partir de cinco motores da história<sup>6</sup>, responsáveis por fazer produzir e fazer funcionar a nossa época. De modo semelhante podemos falar em signos da história, símbolos que, embora não a tenham produzido, representam, significam e demarcam a história humana: nada representa mais os tempos pré-históricos do que a *sepultura*, em suas mais diversas formas, elas são o ponto inicial da milenar jornada de superação do fato e do imediato na construção do mito e da memória, alicerces de toda a interpretação e do conhecimento humanos, nelas há a mesma força irruptiva, a mesma vontade de saber e de poder, de significar e de eternizar que há nos objetos de pedra talhada ou polida, ou mesmo de metal fundido, nas estatuetas da Vênus de Willendorf e nas pinturas das cavernas. O segundo signo, o *escriba*, sacralizado e imortalizado nas representações pictóricas e esculturais, e nos frutos dos seus próprios trabalhos, eles ergueram a linha divisória entre o histórico e o pré-histórico, o documental e o monumental, o testemunho e o indício, onipresentes em toda a Antiguidade, mediarão a comunicação entre o homem e seus mitos, o povo e o poder, transformaram significados e conhecimentos em posteridade e até hoje dominam a estética e a espiritualidade do homem moderno, pela *Ilíada*, pela *Eneida*, pela *Torá*, pela *Bíblia*, etc. O signo da Idade Média, o *orante*, o homem com os olhos voltados para Deus e recebendo dele força e sentido para a vida, as mesmas expressões que surgem nas faces dos servos, dos monges, de Adão no afresco de Michelangelo. A Modernidade, por sua vez, tem no *Homem Vitruviano* sua máxima representação, o homem como centro e medida, mas também o homem desenhado e medido que se duplica e reduplica em toda a arte e a ciência do período, em *O Pensador* de Rodin, em *Werther* de Goethe, em *La Liberté guidant le peuple* de Eugène Delacroix.

O signo da Contemporaneidade, enquanto Modernidade excêntrica, por sua vez, não é de fácil definição. Em todas as etapas da jornada humana, o signo sempre foi o homem se formando-enformando-deformando diante da Esfinge, que, ameaçadora e sempre insatisfeita com a resposta

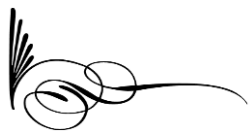
---

<sup>4</sup> Jean Baudrillard, *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos* [*La transparence du mal: Essai sur les phénomènes extrêmes*], 1990.

<sup>5</sup> Paul Virílio, *Os motores da história*, 1998 (in: Hermes Reis de Araújo [org.], *Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente*, 1998. p. 127-147).

<sup>6</sup> “Nós não percebemos que a história moderna foi escandida, organizada por cinco motores. Primeiro, o motor a vapor, na ocasião de uma revolução da informação e da criação da primeira máquina, ou seja, da máquina que serviu a revolução industrial. Foi o motor a vapor que permitiu o trem e, portanto, a visão do mundo através do trem, a visão em desfile, que já é a visão do cinema. Cada motor modifica o quadro de produção de nossa história e também modifica a percepção e a informação. O segundo motor, o motor de explosão, propiciou o desenvolvimento do automóvel e do avião. Voando, o homem obteve uma informação e uma visão inéditas do mundo: a visão aérea. O motor de explosão possibilitou uma infinidade de máquinas, as máquinas-veículo e também toda uma série de máquinas de produção industrial. O terceiro motor, o elétrico, deu origem a turbina e favoreceu a eletrificação, permitindo, por exemplo, uma visão da cidade a noite. Evidentemente ele favoreceu também o cinema. O cinema é uma arte do motor. Certamente as primeiras máquinas e câmeras foram manuais, mas sabemos que elas foram eletrificadas rapidamente. O desenvolvimento do cinema, que modificou a relação do homem com o mundo, está diretamente relacionado com a invenção do motor elétrico. O quarto motor e o motor-foguete que permitiu ao homem escapar da atração terrestre. Através dele temos os satélites que servem a transmissão do sistema de segurança. Satelitando os homens, ele permitiu a visão da Terra a partir de uma outra terra: a Lua.” (idem, p. 127-128)





edípica, repete sem cessar seu enigma – “Decifra-me ou Devoro-te!... Que animal caminha com quatro pés pela manhã, dois ao meio-dia e três à tarde e é mais fraco quando tem mais pernas?”. O relativismo e o multiculturalismo pós-modernos geram uma equivalência geral entre todos os signos: a *Guernica* de Picasso, as Estátuas da Ilha de Páscoa, os sapatos da Prada S.A., os microchips e nano robôs, tudo é pós-moderno. O homem contemporâneo é aquele que contempla o construtor de catacumbas, o escriba, o adorador e o pensador, é o homem telespectador, mas também o homem interativo, que faz “mixagens” de todas as imagens, sons e gostos em novos produtos éticos, estéticos e econômicos, o homem que fotografa e faz da cópia outra obra de arte. Um só é o signo dessa nova idade do homem: o quadro branco e vazio, ou suas versões em multimídia, a tela de mensagens que acaba de ser acessada, pronta para ser preenchida com qualquer texto que nela seja insersível, como já reclama o cursor piscante no princípio da página, o disco pronto para a gravação de qualquer conteúdo traduzível em sequências de dígitos binários. Diante deles, o homem camaleão, pronto para assumir qualquer forma.

Sob o império da hipersemiótica, de seus hiptertextos com hipersignificados, o pensamento crítico dá lugar a um novo movimento de enciclopedismo e automatismo:

A comunicação não é o falar, é o fazer-falar. A informação não é o saber, é o fazer-saber. O verbo “fazer” indica que se trata de uma operação, não de uma ação. [...] Não deve existir saber além daquele que resulta de um fazer-saber. Não deve existir falar além daquele que resulta de um fazer-falar, isto é, de um ato de comunicação. Não deve existir ação além daquela que resulta de uma interação, se possível com tela de controle e retroalimentação incorporada. Pois o que justamente caracteriza a operação, ao contrário da ação, é que ela é forçosamente regulada em seu decurso – senão não comunica. Fala mas não comunica. A comunicação é operacional ou não existe. A informação é operacional ou não existe.<sup>7</sup>

Essa operacionalidade técnica que atenta contra as mais diversas formas de pensamento, em que o “discurso” não é resultado de uma operação com algoritmos, mas de uma ação criativa e fatigante, como a arte, a filosofia e a ciência.

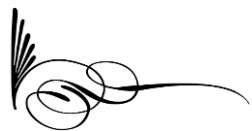
2. Embora instigante, obviamente, essa questão acerca da relação do homem moderno com a significação e com a ação não pode ser devidamente abordada em um editorial, isso é, se ainda cultivarmos o respeito à estrutura do gênero editorial. Esse longo tópico introdutório, por sua vez, procura chamar a atenção para esse ato que o estimado leitor está concretizando agora: *voce* pode realizar uma ação de leitura sobre tudo o que escrevemos a seguir, ou simplesmente pôr em marcha um procedimento operacional de abordagem de dados, municiado de instrumentos como leitura dinâmica, Ctrl + F, entre outros.

Se os frequentadores das Academias estão sufocadas pela política do POP (Publicar ou Perecer)<sup>8</sup>, também é verdade que são oprimidos pelo LOL (Ler ou Lastimar), conseqüentemente, tanto a posição de autor quanto a de leitor tornam-se uma instância de automatismos: fazer-escrever e

<sup>7</sup> Jean Baudrillard, opus citatum, pp. 53-54.

<sup>8</sup> Sobre essa questão, há uma série de referências enumeradas na seção “Blog” do nosso sítio.





fazer-ler. Por outro lado, como procuramos cuidar dessa publicação com todo cuidado e seriedade que o gênero exige, também convidamos nossos interlocutores a uma leitura austera, o que implica numa relação verdadeiramente dialógica e sincera a partir dos textos. Eles não se fundamentam na pretensão da verdade, mas não negam a tentação do significado: estão aí para produzir sentido, para mediar a interlocução.

*Cura de mais linguagem!*

